

PRIMEIRO AMOR



SAMUEL BECKETT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Beckett, Samuel

[1906 - 1989]

Primeiro amor

Titulo original: Premier amour
Tradução: Célia Euvaldo
Conversão e revisão do eLivro: (E)

COSAC NAIFY

Associo, com ou sem razão, o meu casamento à morte do meu pai, em outros tempos. Talvez existam outras ligações, em outros planos, entre esses dois acontecimentos, é possível. Já me é difícil dizer o que julgo saber.

Visitei, não faz muito tempo, o túmulo do meu pai, isso eu sei, e anotei a data de sua morte, de sua morte apenas, pois a do nascimento me era indiferente, naquele dia. Saí de manhã e voltei à noite, tendo mastigado alguma coisa no cemitério. Mas, alguns dias mais tarde, querendo saber com que idade ele tinha morrido, tive de voltar ao seu túmulo, para pegar a data do nascimento. Anotei essas duas datas-limite num pedaço de papel, que trago comigo. É assim que posso afirmar que eu devia ter mais ou menos vinte e cinco anos na época do meu casamento. Pois a data do meu próprio nascimento, repito, do meu próprio nascimento, eu nunca esqueci, nunca fui obrigado a anotá-la, ela permanece gravada na minha memória, pelo menos o ano, em números que a vida dificilmente irá apagar. O dia também, quando faço um esforço me lembro dele, e celebro-o com freqüência, à minha maneira, não direi a cada vez que ele aparece, não, pois ele aparece com muita freqüência, mas com freqüência.

Pessoalmente não tenho nada contra os cemitérios, passeio neles com prazer, com mais prazer do que em outros lugares, talvez, quando sou obrigado a sair. O cheiro dos cadáveres, que sinto nitidamente sob o cheiro da relva e do humo, não me desagrada. Talvez um pouco doce demais, um pouco estonteante, mas como é preferível ao dos vivos, das axilas, dos pés, das bundas, dos

prepúcios cerosos e dos óvulos desapontados. E quando os restos do meu pai dão sua contribuição, mesmo que modesta, por pouco não me vêm lágrimas aos olhos. Por mais que eles se lavem, os vivos, por mais que se perfumem, eles fedem. Sim, como local de passeio, quando se é obrigado a sair, deixem-me os cemitérios e vão vocês passear nos jardins públicos, ou no campo. Meu sanduíche, minha banana, como-os com mais apetite sentado em cima de um túmulo, e se me vem a vontade de mijar, sempre vem, tenho muita escolha. Ou então vagueio, com as mãos às costas, entre as lajes, as eretas, as chatas, as inclinadas, escolhendo as inscrições. Elas nunca me decepcionaram, as inscrições, há sempre três ou quatro tão engraçadas que preciso me agarrar à cruz, ou à esteia, ou ao anjo, para não cair. A minha já compus há muito tempo e continuo satisfeito com ela, bastante satisfeito. Meus outros escritos mal têm tempo de secar e já me dão asco, mas meu epitáfio ainda me agrada. Ele ilustra uma lição de gramática. Infelizmente há poucas chances de que chegue a se erguer sobre a cabeça que o concebeu, a menos que o Estado se encarregue do assunto. Mas para poder me exumar será preciso primeiro me encontrar, e receio que o Estado tenha tanta dificuldade em me encontrar morto quanto vivo. É por isso que me apresso em registrá-lo aqui, antes que seja tarde demais:

Aqui jaz quem daqui tanto escapou

Que só agora não escape mais

Há uma sílaba a menos no segundo e último verso, mas não importa, na minha opinião. Serei perdoado por mais do que isso, quando eu não existir mais. Então, com um pouco de sorte, topa-se com um verdadeiro enterro, com vivos de luto e às vezes uma viúva que quer se jogar na cova, e quase sempre essa história simpática

com o pó, embora eu tenha notado que não há nada menos empoeirado do que aqueles buracos, é quase sempre terra bem lamacenta, e o defunto também ainda não tem nada de especialmente pulverulento, a não ser que tenha morrido carbonizado. É simpática, assim mesmo, essa pequena comédia com o pó. Mas o cemitério do meu pai não me agradava especialmente. Ficava muito longe, em pleno campo, na encosta de uma colina, e era também muito pequeno, pequeno demais. Aliás, estava quase cheio, mais algumas viúvas e ficaria lotado. Eu preferia de longe o Ohlsdorf, principalmente o lado de Linne, em solo prussiano, com seus quatrocentos hectares de cadáveres bem amontoados, ainda que eu não conhecesse ninguém ali, a não ser o domador Hagenbeck, pela reputação. Há um leão gravado em seu monumento, se não me engano. A morte devia ter a fisionomia de um leão, para Hagenbeck. Ônibus vão e vêm, carregados de viúvos, viúvas e órfãos. Bosques, grutas, lagos com cisnes espalham o consolo aos aflitos. Era dezembro, nunca senti tanto frio, a sopa de enguia não descia, eu tinha medo de morrer, parei para vomitar, tinha inveja deles.

Mas, para passar agora a um assunto menos triste, com a morte do meu pai fui obrigado a sair de casa. Era ele quem me queria lá. Um homem estranho, ele. Um dia disse, Deixem-no em paz, ele não incomoda ninguém. Não sabia que eu estava escutando. Deve ter manifestado esse pensamento com frequência, mas as outras vezes eu não estava por perto. Nunca quiseram me mostrar seu testamento, disseram apenas que ele tinha me deixado tanto de dinheiro. Eu achava, na época, e ainda acho hoje, que ele tinha pedido, no testamento, que me deixassem o quarto que eu ocupava quando ele vivia, e que me dessem de comer, como no passado. Talvez fosse mesmo a condição de que ele fazia depender todo o resto. Pois ele devia gostar de me sentir em casa, senão não teria se oposto a que me pusessem para fora. Talvez só tivesse pena de mim. Mas acho que não. Ele devia ter me legado a casa toda, assim eu ficaria tranquilo, os outros também aliás, pois eu lhes teria dito, Por favor, fiquem, vocês estão em casa! Era uma casa enorme. Sim, ele foi bem ludibriado, meu pobre pai, se é que suas intenções eram

continuar a me proteger do além-túmulo. Quanto ao dinheiro, sejamos justos, entregaram imediatamente, no dia seguinte mesmo do enterro. Talvez fosse para eles materialmente impossível fazer de outro modo. Eu disse, Guardem esse dinheiro e me deixem continuar a viver aqui, no meu quarto, como quando papai era vivo. Acrescentei, Que Deus o tenha, na esperança de agradar. Mas eles não quiseram. Propus ficar à disposição deles, algumas horas por dia, para os pequenos trabalhos de manutenção de que toda casa necessita, se não se quer que ela caia aos pedaços. Pequenos consertos, também é uma coisa possível, não sei por quê. Propus-lhes principalmente ocupar-me da estufa. Ali eu passaria com prazer três ou quatro horas por dia, no calor, cuidando dos tomates, dos cravos, dos jacintos e das sementeiras. Só eu e meu pai, naquela casa, é que compreendíamos os tomates. Mas eles não quiseram. Um dia, voltando do banheiro, encontrei a porta do meu quarto trancada e minhas coisas empilhadas diante da porta. Vocês não acreditam o quanto eu estava constipado, naquela época. Era a ansiedade que me constipava, acho. Mas será que estava realmente constipado? Acho que não. Calma, calma. No entanto eu devia estar, pois como explicar de outro modo aquelas longas, aquelas atrozessões no banheiro, na privada? Eu nunca lia, nem lá nem em lugar nenhum, não sonhava nem refletia, olhava vagamente o calendário pendurado num prego diante dos meus olhos, nele se via a imagem colorida de um jovem barbudo cercado de carneiros, devia ser Jesus, eu afastava minhas nádegas com as mãos e forçava, um! dois! um! dois!, com movimentos de remador, e só tinha um pensamento na cabeça, voltar para o meu quarto e me deitar. Devia ser mesmo constipação, não? Ou será que estou confundindo com diarreia? Tudo se embaralha na minha cabeça, cemitérios e núpcias e os diferentes tipos de evacuação. Meus pertences eram poucos, eles os tinham empilhado no chão, junto à porta, ainda vejo a pequena pilha que aquilo fazia, na espécie de nicho escuro entre o corredor e o meu quarto. Foi nesse espaço estreito, fechado por três lados, que tive de me trocar, isto é, substituir o roupão e o pijama por roupas de viagem, isto é, meias, sapatos, calças, camisa, paletó, sobretudo e chapéu, espero não ter esquecido de nada. Tentei outras portas,

girando a maçaneta e empurrando, antes de deixar a casa, mas nenhuma cedeu. Se tivesse encontrado um quarto aberto acho que teria me entrincheirado lá dentro, só os gases me teriam feito sair. Eu sentia a casa cheia de gente, como de costume, mas não via ninguém. Acho que cada um tinha se trancado em seu próprio quarto, com os ouvidos alertas. Depois a corrida para as janelas, todos um pouco recuados, escondidos pelas cortinas, ao ruído da porta da rua se fechando atrás de mim, eu devia tê-la deixado aberta. Então as portas se abrem e todo mundo sai, homens, mulheres, crianças, cada qual de seu quarto, e as vozes, os suspiros, os sorrisos, as mãos, as chaves nas mãos, um grande ufa, e depois lembrança das palavras de ordem, se isso então aquilo, mas se aquilo então isso, uma verdadeira festa, todos compreenderam, está na mesa, está na mesa, o quarto pode esperar. Tudo isso é imaginação, naturalmente, já que eu não estava mais lá. As coisas devem ter se passado de modo completamente diverso, mas que importa, a maneira como as coisas se passam, desde que se passem? E todos aqueles lábios que tinham me beijado, aqueles corações que tinham me amado (é mesmo com o coração que se ama, não é, ou será que estou confundindo com outra coisa?), aquelas mãos que tinham brincado com as minhas e aqueles espíritos que quase tinham me possuído! As pessoas são realmente estranhas. Pobre papai, ele deve ter se sentido muito aborrecido aquele dia, se pudesse me ver, nos ver, aborrecido por mim, quero dizer. A menos que, em sua grande sabedoria de desencarnado, ele enxergasse mais longe que seu filho, cujo cadáver ainda não estava completamente no ponto.

Mas para passar agora a um assunto mais alegre, o nome da mulher a quem me uni, pouco tempo depois, o apelido, era Lulu. Pelo menos é o que ela me dizia, e não vejo que interesse ela podia ter em mentir a esse respeito. Evidentemente, nunca se sabe. Ela também me contou seu sobrenome, mas esqueci. Eu devia ter anotado, num pedaço de papel, não gosto de esquecer os nomes próprios. Conheci-a num banco, à margem do canal, de um dos canais, pois nossa cidade tem dois, mas eu nunca soube qual era qual. Era um banco muito bem situado, encostado num monte de

terra e de detritos endurecidos, de modo que minha retaguarda ficava coberta. Meus flancos também, parcialmente, graças a duas árvores veneráveis e, mais do que isso, mortas, que protegiam o banco dos dois lados. Eram sem dúvida essas árvores que, um dia em que tremulavam com toda sua folhagem, tinham sugerido a alguém a idéia de um banco. Na frente, a alguns metros, corria o canal, se é que os canais correm, sei lá, de modo que também daquele lado eu não corria o risco de ser surpreendido. Mesmo assim ela me surpreendeu. Eu estava deitado, fazia um tempo bom, eu observava, por entre os ramos nus entrelaçados acima da minha cabeça, ali onde as duas árvores se juntavam para se apoiar, e através das nuvens, que passavam dispersas, o ir-e-vir de um pedacinho de céu estrelado. Me dê um lugar, disse ela. Meu primeiro movimento foi ir embora, mas o cansaço, e o fato de não ter para onde ir, me impediram. Recolhi então meus pés e ela se sentou. Nada se passou entre nós, naquela noite, e logo ela se foi, sem me dirigir a palavra. Ela só tinha cantado como para si mesma, e felizmente sem as palavras, algumas velhas canções populares, de um modo tão desconjuntado, pulando de uma a outra e voltando à que tinha acabado de interromper antes de terminar a que preferira. Tinha uma voz desafinada mas agradável. Pressenti uma alma que se aborrece rápido e nunca termina nada, que é de todas talvez a menos importuna. Mesmo o banco, logo se fartou dele, e, quanto a mim, uma olhada bastou. Mas na realidade ela era uma mulher extremamente tenaz. Voltou no dia seguinte e no outro e as coisas se passaram mais ou menos como antes. Talvez algumas palavras tenham sido trocadas. No dia seguinte chovia e eu me julgava tranqüilo, puro engano. Perguntei se estava em seus planos vir me incomodar todas as noites. Eu o incomodo?, disse. Ela me olhava, sem dúvida. Não devia estar vendo grande coisa. Duas pálpebras talvez, e um pouco de nariz e de testa, obscuramente, por causa da escuridão. Achava que estávamos bem, disse ela. Você me incomoda, disse eu, não posso me deitar com você aí. Eu falava de dentro do colarinho do meu sobretudo e mesmo assim ela me ouvia. Você faz tanta questão assim de se deitar?, disse ela. O erro da gente é dirigir a palavra às pessoas. Basta apoiar seus pés no meu

colo, disse ela. Não me fiz de rogado. Sentia sob meus pobres tornozelos suas coxas roliças. Ela começou a acariciar meus tornozelos. E se eu lhe mandasse um pontapé na xota, pensei. Fala-se de deitar e as pessoas logo enxergam um corpo estendido. O que me interessava, a mim, rei sem súditos, aquilo de que a disposição da minha carcaça era apenas o mais remoto e fútil dos reflexos, era a supinação cerebral, o embotamento da idéia do eu e da idéia desse pequeno resíduo de futilidades peçonhentas que chamamos de não-eu, e mesmo de mundo, por preguiça. Mas aos vinte e cinco anos ele ainda está sujeito à ereção, o homem moderno, fisicamente também, de vez em quando, é o quinhão de cada um, nem eu estava imune, se é que aquilo pode ser chamado de ereção. Ela percebeu, naturalmente, as mulheres farejam um falo no ar a mais de dez quilômetros e se perguntam, Como é que aquele ali me descobriu? Não somos mais nós mesmos, nessas condições, e é penoso não ser mais você mesmo, ainda mais penoso do que sê-lo, apesar do que dizem. Pois quando o somos, sabemos o que temos que fazer para sê-lo menos, ao passo que quando não o somos mais somos qualquer um, não há mais como nos apagar. O que se chama amor é o exílio, com um cartão-postal da terra natal de vez em quando, foi esse o meu sentimento naquela noite. Quando ela terminou, e meu próprio eu, o domesticado, foi reconstituído com o auxílio de uma breve inconsciência, encontrei-me só. Às vezes me pergunto se tudo isso não é invenção, se na realidade as coisas não se passaram de modo completamente diverso, segundo um esquema que precisei esquecer. No entanto a imagem dela permanece ligada à do banco, para mim, não o banco da noite, mas o banco do anoitecer, de modo que falar do banco, tal como eu o via ao anoitecer, é falar dela, para mim. Isso não prova nada, mas não quero provar nada. Quanto ao banco do dia, não vale a pena falar, eu não ficava lá, partia cedo e só voltava ao anoitecer. Sim, de dia eu procurava comida, e repertoriava os abrigos. Se vocês me perguntassem, e certamente têm vontade de perguntar, o que eu tinha feito do dinheiro que meu pai havia me deixado, eu responderia que não tinha feito nada, deixava-o guardado no meu bolso. Pois sabia que não seria sempre jovem, e que o verão

também não dura eternamente, nem mesmo o outono, minha alma burguesa o dizia. Finalmente, disse a ela que estava farto. Ela me incomodava profundamente, mesmo ausente. Aliás, ela continua a me incomodar, mas não mais que o resto. De resto, não me causa mais nada, agora, ser incomodado, ou tão pouco, o que é que isso quer dizer, ser incomodado, tenho mesmo de ser, mudei meu sistema, dobro as apostas, esta é a nona ou a décima, depois logo estarão terminados, os incômodos, as acomodações, logo não se falará mais disso, nem dela nem dos outros, nem de merda nem de céu. Então você não quer mais que eu venha?, disse ela. É incrível como as pessoas repetem o que acabamos de lhes dizer, como se corressem o risco de ir para a fogueira ao acreditar em seus próprios ouvidos. Disse a ela para vir de vez em quando. Eu conhecia mal as mulheres, naquela época. Ainda as conheço mal, aliás. Os homens também. Os animais também. O que conheço menos mal são minhas dores. Penso nelas todas, todos os dias, é rápido, o pensamento vai tão depressa, mas elas não vêm todas do pensamento. Sim, há momentos, principalmente à tarde, em que me sinto sincretista, à maneira de Reinhold. Que equilíbrio. Aliás, conheço mal também minhas dores. Isso deve ser porque não sou apenas dor. Aí está a astúcia. Então me afasto, até o espanto, até a admiração, como de um outro planeta. Raramente, mas é o bastante. Nada cretina, a vida. Ser apenas dor, como simplificaria as coisas! Ser todo-dolente! Mas isso seria concorrência, e desleal. Eu lhes contarei assim mesmo, um dia, se me lembrar, e tomara que consiga, minhas estranhas dores, em detalhes, e distinguindo-as bem, para maior clareza. Falarei das dores do entendimento, as do coração ou afetivas, as da alma (muito simpáticas, as da alma), e depois as do corpo, primeiro as internas ou ocultas, depois as da superfície, começando pelos cabelos e descendo metodicamente e sem pressa até os pés, abrigo dos calos, cãibras, joanetes, unhas encravadas, frieiras, pés-de-atleta e outras esquisitices. E àqueles que forem gentis o bastante para me escutar contarei na mesma ocasião, de acordo com um sistema cujo autor não me recordo, os instantes em que, sem estar drogado, nem bêbado, nem em êxtase, não se sente nada. Então naturalmente ela quis saber o que eu

entendia por de vez em quando, eis ao que você se expõe, abrindo a boca. A cada oito dias? A cada dez dias? A cada quinze dias? Disse-lhe para vir com menos frequência, muito menos frequência, para não vir mais se fosse possível, e se não fosse possível para vir o mínimo possível. Aliás, no dia seguinte abandonei o banco, menos por causa dela, devo confessar, do que por causa do banco, cuja situação não correspondia mais às minhas necessidades, ainda que modestas, pois estava começando a esfriar, e depois por outras razões de que seria inútil falar para imbecis como vocês, e me refugiei num estábulo de vacas abandonado que eu encontrara em minhas andanças. Estava situado no ângulo de um campo que tinha em sua superfície mais urtigas do que relva e mais lama do que urtigas, mas cujo subsolo talvez possuísse propriedades notáveis. Foi naquele estábulo, cheio de bostas secas e ocas, que sucumbiam com um suspiro ao serem beliscadas, que pela primeira vez na minha vida, eu diria com prazer a última se tivesse morfina à mão, tive que me defender de um sentimento que se arrogava pouco a pouco, em meu espírito glacial, o horrendo nome de amor. O que faz o fascínio de nossa terra, exceto obviamente o fato de ser pouco povoada, apesar da impossibilidade de se obter qualquer preservativo, é que tudo está abandonado, salvo os velhos excrementos da história. Estes são colhidos com furor, empalhados e carregados em procissão. Onde quer que o tempo tenha produzido um belo monte de esterco nauseabundo vocês encontrarão nossos patriotas fungando, de quatro, com as faces inflamadas. É o paraíso dos desabrigados. Eis enfim o que explica a minha felicidade. Tudo convida à prostração. Não vejo nenhuma ligação entre estas observações. Mas que existe uma ligação, e até várias, não há dúvida, para mim. Mas quais? Sim, eu a amava, é o nome que eu dava, que ainda dou, ai de mim, ao que eu fazia, naquela época. Eu não tinha dados sobre isso, nunca tendo amado antes, mas tinha ouvido falar da coisa, naturalmente, em casa, na escola, no bordel, na igreja, e tinha lido romances, em prosa e em verso, sob a direção do meu tutor, em inglês, francês, italiano, alemão, nos quais ele era tratado em detalhes. Portanto eu era capaz, apesar de tudo, de dar um nome ao que eu fazia, quando me via de repente escrevendo a

palavra Lulu numa bosta velha de novilha, ou quando, deitado na lama ao luar, eu tentava arrancar urtigas sem quebrar o talo. Eram urtigas gigantes, havia algumas de um metro de altura, arrancá-las me aliviava, no entanto não é da minha natureza arrancar ervas daninhas, muito pelo contrário, eu as abafaria com estrume se tivesse à mão. As flores, são outro assunto. O amor nos torna maus, isso é um fato certo. Mas que tipo de amor era, exatamente? O amor-paixão? Não creio. Pois o amor-paixão é o priápico, não é? Ou será que estou confundindo com outra variedade? Há tantos, não é? Cada um mais bonito que o outro, não é? O amor platônico, por exemplo, eis um outro que acaba de me ocorrer. É desinteressado. Será que eu a amava com um amor platônico? Difícil de acreditar. Teria eu escrito seu nome em bostas velhas de vaca se a tivesse amado com um amor puro e desinteressado? E com meu dedo ainda por cima, que eu chupava em seguida? Vejamos, vejamos. Eu pensava em Lulu e, se isso não é tudo, já é o suficiente, na minha opinião. Aliás já estou farto desse nome, Lulu, e vou lhe dar outro, de uma sílaba desta vez, Anne por exemplo, não é uma sílaba mas não importa. Então eu pensava em Anne, eu que tinha aprendido a não pensar em nada, a não ser nas minhas dores, muito rapidamente, depois nas medidas a tomar para não morrer de fome, ou de frio, ou de vergonha, mas jamais, sob nenhum pretexto, nos seres vivos enquanto tais (eu me pergunto o que isto quer dizer), não importando o que eu possa ter dito ou possa me acontecer de dizer a esse respeito. Pois eu sempre falei, sempre falarei de coisas que nunca existiram, ou que existiram, se quiserem, e que provavelmente sempre existirão, mas não com a existência que atribuo a elas. Os quepes, por exemplo, existem realmente, e há pouca esperança de que desapareçam algum dia, mas eu pessoalmente nunca usei um quepe, não, errado. Escrevi em algum lugar, Eles me deram... um chapéu. Ora, nunca "eles" me deram um chapéu, sempre tive o meu próprio chapéu, o que meu pai tinha me dado, e nunca tive outro chapéu senão aquele. Ele me seguiu até a morte, aliás. Então eu pensava em Anne, muito, muito, vinte minutos, vinte e cinco minutos e até meia hora por dia. Chego a esses números adicionando outros menores. Essa devia ser a minha

maneira de amar. Devemos concluir que eu a amava com esse amor intelectual que já me arrancou tantas bobagens, em outro lugar? Acho que não. Pois se a tivesse amado dessa maneira, será que teria me distraído escrevendo o nome Anne em imemoriais excrementos bovinos? Arrancando urtigas com as mãos? E teria sentido sob minha cabeça suas coxas palpitem, como dois travesseiros possuídos? Para pôr fim, para tentar pôr fim a essa situação, voltei uma noite ao local onde o banco se situava, na hora em que ela costumava vir me encontrar. Ela não estava e a esperei em vão. Já era dezembro, senão janeiro, e o frio era próprio da estação, isto é, adequado, justo, perfeito, como tudo que é da estação. Mas de volta ao estábulo não tardei a arquitetar uma argumentação que me garantiu uma noite excelente e que se baseava no fato de que a hora oficial tem tantos modos de se apresentar, no ar e no céu, também no coração, quantos dias tem o ano. No dia seguinte, portanto, cheguei ao banco mais cedo, muito mais cedo, bem no começo da noite propriamente dita, mas mesmo assim tarde demais, pois ela já estava lá, no banco, debaixo dos galhos, tinindo de frio, em frente da água glacial. Eu lhes disse que essa era uma mulher excessivamente tenaz. O monturo estava branco de geada. Eu não sentia nada. Que interesse ela podia ter em me perseguir assim?, perguntei-lhe, sem me sentar, indo e vindo e batendo os pés para aquecer. O frio tinha amolgado o caminho. Ela respondeu que não sabia. O que ela podia enxergar em mim? Implori-lhe para me dizer, se pudesse. Ela respondeu que não podia. Parecia bem agasalhada. Tinha as mãos metidas num regalo. Lembro que comecei a chorar ao olhar aquele regalo. No entanto, esqueci-me da cor. Aquilo ia mal. Sempre chorei com facilidade, sem jamais tirar a menor vantagem disso, até recentemente. Se eu precisasse chorar agora não conseguiria derramar uma só gota, é o que acho sinceramente. Isso vai mal. Eram as coisas que me faziam chorar. No entanto, eu não estava triste. E quando me pegava chorando sem causa aparente, é porque eu tinha visto alguma coisa, sem me dar conta. De modo que me pergunto se era realmente o regalo que me fazia chorar, naquele anoitecer, ou se não era a trilha, cuja dureza e protuberâncias teriam me lembrado os calçamentos de rua, ou

alguma outra coisa, uma coisa qualquer que eu teria avistado, sem me dar conta. Eu a via por assim dizer pela primeira vez. Ela estava toda encolhida e embrulhada nos agasalhos, a cabeça inclinada, o regalo com as mãos no colo, as pernas apertadas uma contra a outra, os calcanhares no ar. Sem forma, sem idade, sem vida quase, podia ser uma velha ou uma menininha. E esse modo de responder, Não sei, Não posso. Só eu é que não sabia e não podia. É por mim que você veio?, disse eu. Sim, disse ela. Pois bem, aqui estou, disse eu. E eu, não era por ela que eu tinha vindo? Aqui estou, aqui estou, disse para mim mesmo. Sentei do lado dela mas me levantei imediatamente, de um salto, como sob o efeito de um ferro quente. Eu tinha vontade de ir embora, para saber se aquilo tinha terminado. Mas para me assegurar, antes de ir embora, pedi-lhe que me cantasse alguma coisa. Pensei primeiro que ela ia recusar, quero dizer, simplesmente não cantar, mas não, depois de um momento ela começou a cantar e cantou por um bom tempo, sempre a mesma canção, creio, sem mudar de posição. Eu não conhecia a canção, nunca a tinha ouvido e nunca mais a ouvirei. Lembro apenas que falava de limoeiros, ou laranjeiras, já não sei bem, e para mim é uma façanha ter guardado que a canção falava de limoeiros, ou laranjeiras, pois de todas as outras canções que ouvi em minha vida, e ouvi muitas, pois se diria que é materialmente impossível viver, até mesmo como eu vivia, sem ouvir cantarem a não ser que fosse surdo, eu não guardei nada, nem uma palavra, nem uma nota, ou tão poucas palavras, tão poucas notas, que, que o quê, que nada, esta frase já durou demais. Depois comecei a me afastar e me afastando a ouvia cantar outra canção, ou talvez a continuação da mesma, com uma voz fraca e que ia enfraquecendo cada vez mais à medida que eu me afastava e que finalmente calou-se, seja porque ela tivesse terminado de cantar, seja porque eu estivesse longe demais para poder ouvir. Eu não gostava de ficar numa incerteza desse tipo, naquela época, eu vivia naturalmente na incerteza, da incerteza, mas aquelas pequenas incertezas, de ordem física como se diz, eu preferia também me desvencilhar logo delas, poderiam me atormentar como as mutucas, por semanas a fio. Dei então alguns passos atrás e parei. Primeiro eu não ouvia nada, depois ouvia a

voz, mas quase não ouvia, tão fraca ela chegava até mim. Eu não a ouvia, depois a ouvia, portanto tive que começar a ouvi-la, num dado momento, mas não, não houve começo, tão suave ela tinha saído do silêncio e tanto se assemelhava a ele. Quando a voz finalmente parou ainda dei alguns passos na direção dela, para ter certeza de que tinha mesmo parado e não somente baixado. Depois, em desespero, pensando. Como saber, a não ser estando do lado dela, debruçado sobre ela, dei meia-volta e fui embora, para sempre, cheio de incerteza. Mas algumas semanas depois, mais morto do que vivo, voltei novamente ao banco, era a quarta ou a quinta vez desde que eu a tinha abandonado, à mesma hora mais ou menos, isto é, mais ou menos sob o mesmo céu, não, também não é isso, pois é sempre o mesmo céu e nunca é o mesmo céu, como expressá-lo em palavras, não o expressarei, pronto. Ela não estava lá. Mas de repente lá estava, não sei como, eu não a tinha visto chegar, nem ouvido chegar, e no entanto eu estava atento. Digamos que chovia, para variar um pouco. Ela se abrigava sob um guarda-chuva, naturalmente, ela devia ter um guarda-roupa formidável. Perguntei-lhe se vinha todo anoitecer. Não, ela disse, só de vez em quando. O banco estava úmido demais para que se ousasse sentar. Caminhávamos de um lado para o outro, peguei no braço dela, por curiosidade, para ver se me daria prazer, mas não me deu nenhum prazer, então o larguei. Mas por que esses detalhes? Para retardar o desfecho. Eu enxergava um pouco melhor o rosto dela. Ele me parecia normal, um rosto como milhões de outros. Ela era vesga, mas isso eu só descobri mais tarde. Não parecia nem jovem nem velho, o rosto dela, estava como que suspenso entre o frescor e o fenecer. Eu suportava mal, naquela época, esse tipo de ambigüidade. Quanto a saber se seu rosto era bonito, ou se tinha sido bonito, ou se tinha chances de ficar bonito, confesso que eu era incapaz. Vi rostos em fotos que eu poderia talvez ter chamado de bonitos, se tivesse alguns dados sobre a beleza. E o rosto do meu pai, em seu leito de morte, tinha me feito entrever a possibilidade de uma estética do humano. Mas os rostos dos vivos, sempre fazendo trejeitos, com o sangue à flor da pele, podem ser descritos como objetos? Eu admirava, apesar da

escuridão, apesar do meu incômodo, o modo como a água parada, ou que corre lentamente, se ergue, como que sedenta, em direção à que cai. Ela perguntou se eu queria que cantasse alguma coisa. Respondi que não, que eu queria que ela me dissesse alguma coisa. Eu achava que ela ia dizer que não tinha nada a dizer, teria sido bem do jeito dela. Fiquei portanto agradavelmente surpreso ao ouvi-la dizer que tinha um quarto, muito agradavelmente surpreso. Eu suspeitava disso, aliás. Quem não tem o seu próprio quarto? Ah, ouço o clamor. Tenho dois quartos, disse ela. Quantos quartos você tem, exatamente?, disse eu. Ela respondeu que tinha dois quartos e uma cozinha. A cada vez a coisa aumentava. Ela acabaria por se lembrar de um banheiro. É exatamente dois quartos que você está dizendo?, disse eu. Sim, disse ela. Um do lado do outro?, disse eu. Finalmente um assunto de conversa digno desse nome. A cozinha fica no meio, disse ela. Perguntei-lhe por que não tinha me contado antes. É preciso considerar que eu estava fora de mim naquela época. Eu não me sentia bem ao lado dela, mas pelo menos me sentia livre para pensar em outra coisa que não ela, e isso já era enorme, nas velhas coisas experimentadas, uma depois da outra, e assim pouco a pouco em nada, como que descendo gradualmente em águas profundas. E eu sabia que, abandonando-a, perderia essa liberdade.

Eram de fato dois quartos, separados por uma cozinha, ela não tinha mentido. Disse-me que eu devia ir buscar minhas coisas. Expliquei-lhe que eu não tinha coisas. Estávamos na parte de cima de uma velha casa e das janelas podia-se avistar a montanha, quem quisesse. Ela acendeu uma lamparina a querosene. Você não tem eletricidade?, disse eu. Não, disse ela, mas tenho água corrente e gás. Puxa, eu disse, você tem gás. Ela começou a se despir. Quando não sabem mais o que fazer, elas se despem, e é decerto o melhor que têm a fazer. Ela tirou tudo com uma lentidão capaz de irritar um elefante, exceto as meias, destinadas sem dúvida a levar minha excitação ao auge. Foi então que vi que ela era vesga. Não era, felizmente, a primeira vez que eu via uma mulher nua, pude então ficar ali, sabia que ela não explodiria. Pedi para ver o outro quarto, pois ainda não o tinha visto. Se já tivesse visto diria que queria vê-lo

de novo. Você não vai se despir?, disse ela. Oh, sabe, disse eu, raramente me despo. Era verdade, eu nunca fui do tipo que se despe a torto e a direito. Geralmente tirava os sapatos quando me deitava, isto é, quando me compunha (compunha!) para dormir, e depois as roupas externas conforme a temperatura. Ela foi portanto obrigada, sob o risco de se mostrar indelicada, a se cobrir com um roupão e me acompanhar, com a lamparina na mão. Passamos pela cozinha. Poderíamos também ter passado pelo corredor, como verifiquei depois, mas passamos pela cozinha, não sei por quê. Talvez fosse o caminho mais direto. Olhei para o quarto com horror. Uma tal densidade de móveis ultrapassa qualquer imaginação. Quer dizer que o vi realmente em algum lugar, aquele quarto. Que cômodo é este?, exclamei. É a sala, disse ela. A sala. Comecei a tirar os móveis pela porta que dava para o corredor. Ela ficou olhando. Estava triste, pelo menos é o que suponho, pois no fundo não sei de nada. Perguntou o que eu estava fazendo, mas sem esperar uma resposta, creio. Tirei-os um a um, e até dois ao mesmo tempo, e os empilhei no corredor, junto à parede do fundo. Havia centenas deles, grandes e pequenos. No final, chegavam até a frente da porta, de modo que não se podia mais sair do quarto, nem, com maior razão, entrar por ali. Podia-se abrir a porta e tornar a fechá-la, já que abria para dentro, mas ela se tornara intransponível. Um palavrão bem grande, intransponível. Pelo menos tire o chapéu, disse ela. Eu lhes falarei do meu chapéu numa outra ocasião, talvez. Só restava no quarto, por fim, uma espécie de sofá e algumas prateleiras pregadas na parede. Arrastei o sofá até o fundo do cômodo, perto da porta, e retirei as prateleiras no dia seguinte e as pus do lado de fora, no corredor, com o resto. Ao retirá-las, estranha lembrança, ouvi a palavra fibroma ou fibrona, não sei qual, nunca soube, eu não sabia o que isso queria dizer e nunca tive a curiosidade de procurar saber. As coisas de que nos lembramos! E comentamos. Quando tudo ficou em ordem deixei-me cair no sofá. Ela não tinha levantado nem um dedo para me ajudar. Vou lhe trazer lençóis e cobertores, disse ela. Mas os lençóis eu não quis. Você não poderia fechar as cortinas?, disse eu. A janela estava coberta de geada. Isso não embranquecia tudo, por causa da noite, mas ainda assim ficava um pouco

luminoso. Apesar de ter me deitado com os pés do lado da porta, incomodava-me essa fraca e fria claridade. Subitamente levantei-me e mudei a posição do sofá, isto é, o encosto, que antes eu tinha posicionado junto à parede, virei-o para fora. Era o lado aberto, o embarcadouro, que agora estava encostado na parede. Em seguida pulei para dentro, como um cão em seu cesto. Vou lhe deixar a lamparina, disse ela, mas pedi que a levasse. E se você precisar de alguma coisa de noite?, disse ela. Ia começar a discutir, eu sentia. Sabe onde fica o banheiro?, disse ela. Tinha razão, eu tinha me esquecido disso. Aliviar-se na cama dá prazer no momento, mas depois fica desconfortável. Me dê um vaso noturno, eu disse. Gostei muito, enfim bastante, durante bastante tempo, das palavras vaso noturno, elas me faziam pensar em Racine, ou em Baudelaire, não sei mais qual deles, nos dois talvez, sim, sinto muito, eu era uma pessoa lida, e por meio deles eu chegava lá onde o verbo pára, até parece Dante. Mas ela não tinha vaso noturno. Tenho uma espécie de cadeira de retrete, disse ela. Eu via a vovó sentada nela, rígida como uma estaca e orgulhosa, tinha acabado de comprá-la, perdão, de adquiri-la, num bazar de caridade, numa tômbola talvez, era uma peça de época, ela a estreava, ou melhor, experimentava, ela teria quase desejado que a víssemos. Devagar, devagar. Mas me dê um simples recipiente, eu disse, não estou com disenteria. Ela voltou com uma espécie de caçarola, não era uma caçarola de verdade pois não tinha cabo, era oval e tinha duas alças e uma tampa. É o caldeirão, disse ela. Não preciso da tampa, disse eu. Você não precisa da tampa?, disse ela. Se eu tivesse dito que precisava da tampa ela teria dito, Você precisa da tampa? Pus o utensílio debaixo das cobertas, gosto de ter alguma coisa na mão quando durmo, assim tenho menos medo, meu chapéu ainda estava todo molhado. Virei-me para a parede. Ela pegou a lamparina no consolo da lareira onde a tinha posto, mais detalhes, mais detalhes, sua sombra gesticulava por cima de mim, achei que ela ia sair, mas não, ela veio se debruçar sobre mim, por cima do encosto. Tudo isso são objetos de família, disse ela. Em seu lugar eu teria ido embora, na ponta dos pés. Mas ela não se mexeu. O essencial era que eu já começava a não amá-la mais. Sim, eu já me sentia melhor, logo estaria em forma

para as descidas lentas, as longas submersões de que há muito tempo estava privado, por causa dela. E eu só acabara de chegar. Mas primeiro dormir. Tente agora me pôr para fora, eu disse. Eu só devo ter compreendido o sentido dessas palavras, e mesmo do pequeno ruído que elas produziram, alguns segundos depois de pronunciá-las. Eu estava tão desabituaado a falar que me ocorria de vez em quando deixar escapar, pela boca, frases impecáveis do ponto de vista gramatical, mas inteiramente desprovidas, não direi de significado, pois ao examiná-las bem elas tinham um e às vezes vários significados, mas de fundamento. Mas o ruído eu sempre ouvia, à medida que o produzia. Foi a primeira vez que minha voz me chegou com tal lentidão. Virei-me de costas, para ver o que estava acontecendo. Ela sorria. Pouco depois ela se foi, levando a lamparina. Ouvi seus passos atravessando a cozinha e a porta de seu quarto fechando-se atrás dela. Eu estava só enfim, na escuridão enfim. Não entrarei em detalhes. Acreditava ter partido para uma boa noite, apesar da estranheza do lugar, mas não, minha noite foi extremamente agitada. Acordei no dia seguinte quebrado, minhas roupas em desordem, as cobertas também, e Anne do meu lado, nua naturalmente. O que ela deve ter se desgastado! Eu continuava com o caldeirão na mão. Olhei dentro. Não tinha me servido dele. Olhei para meu sexo. Se ao menos ele soubesse falar. Não entrarei em detalhes. Essa foi a minha noite de amor.

Aos poucos minha vida se organizou, naquela casa. Ela trazia minhas refeições nas horas que eu indicara, aparecia de vez em quando para ver se eu estava bem e não precisava de nada, esvaziava o caldeirão uma vez por dia e arrumava o quarto uma vez por mês. Nem sempre resistia à tentação de falar comigo, mas de modo geral eu não tinha o que me queixar dela. Eu a ouvia às vezes cantar em seu quarto, a canção atravessava a porta do quarto, depois a cozinha, depois a porta do meu quarto e assim chegava até mim, fraca mas indiscutível. A não ser que passasse pelo corredor. Isso não me incomodava muito, ouvir cantar de vez em quando. Um dia pedi a ela para me trazer um jacinto, vivo, num vaso. Ela trouxe e o colocou no consolo da lareira. Só restava, no meu quarto, o consolo da lareira para pôr objetos, a não ser que fossem postos no

chão. Eu não passava um dia sem ver meu jacinto. Era cor-de-rosa. Eu teria preferido um azul. No começo ele ia bem, chegou a dar algumas flores, depois capitulou, logo não passou de um caule flácido entre folhas chorosas. O bulbo, metade para fora da terra, como se em busca de oxigênio, cheirava mal. Anne queria levá-lo, mas eu disse para deixá-lo. Ela queria me comprar outro, mas eu disse que não queria outro. O que me incomodava mais eram outros ruídos, risinhos e gemidos abafados, que enchiam o apartamento em certas horas, tanto de dia quanto à noite. Eu não pensava mais em Anne, nem um pouco, mas tinha assim mesmo necessidade de silêncio, para viver a minha vida. Por mais que eu raciocinasse, me dissesse que o ar é feito para transportar os barulhos do mundo, incluindo inevitavelmente risos e gemidos, aquilo não deixava de me afetar. Eu não conseguia concluir se era sempre o mesmo sujeito ou se havia vários. Os risinhos e gemidos se parecem tanto, entre si! Eu tinha tanto horror, naquela época, dessas miseráveis perplexidades que toda vez eu caía na armadilha, isto é, tentava tirar a limpo. Levei muito tempo, a vida toda por assim dizer, para compreender que a cor de um olho entrevisto ou a origem de algum ruído distante estão mais perto da Giudecca, no inferno das ignorâncias, do que a existência de Deus, ou a gênese do protoplasma, ou nossa própria existência, e exigem mais da sabedoria, que fique longe. É um pouco demais, toda uma vida, para chegar a essa conclusão consoladora, não nos sobra tempo para aproveitar. Eu já estava portanto bastante adiantado, tendo-a interrogado, quando ela me disse que eram clientes que recebia em rodízio. Eu podia obviamente ter me levantado e olhado pelo buraco da fechadura, supondo que ele não estivesse tampado, mas o que é que se pode ver por esses buracos? Então você vive da prostituição?, disse eu. Nós vivemos da prostituição, ela respondeu. Você não pode pedir que eles façam menos barulho?, disse eu, como se acreditasse no que ela acabava de dizer. Acrescentei, Ou outro tipo de barulho? Eles não podem deixar de ganir, disse ela. Serei obrigado a ir embora, disse eu. Ela encontrou algumas tapeçarias em suas tralhas de família e pendurou-as nas nossas portas, a minha e a dela. Perguntei se não seria possível, de vez em quando, comer uma pastinaca. Uma

pastinaca!, ela exclamou, como se eu tivesse pedido um prato de bebê judeu. Observei que a estação das pastinacas estava no fim e que se, daqui até lá, ela pudesse me dar de comer apenas pastinacas, eu ficaria grato. Apenas pastinacas!, exclamou ela. As pastinacas têm gosto de violeta, para mim. Gosto das pastinacas porque têm gosto de violeta e das violetas porque têm o perfume das pastinacas. Se não houvesse pastinacas na terra eu não gostaria das violetas e se as violetas não existissem as pastinacas me seriam tão indiferentes quanto os nabos, ou os rabanetes. E mesmo no estado atual de sua flora, isto é, neste mundo onde pastinacas e violetas encontram um jeito de coexistir, eu me privaria facilmente, muito facilmente, de ambas. Um dia ela teve o atrevimento de anunciar que estava grávida, e ainda por cima de quatro ou cinco meses, de minhas obras. Ficou de perfil e mostrou a barriga. Chegou a se despir, sem dúvida para provar que não escondia uma almofada debaixo da saia, e também evidentemente pelo puro prazer de se despir. Isso pode ser um simples inchaço, eu disse, para reconfortá-la. Ela me olhou com seus grandes olhos de cuja cor não me lembro, com seu grande olho, isto sim, pois o outro parecia estar apontado para os restos do jacinto. Quanto mais nua, mais estrábica ficava. Olhe, disse ela, curvando-se sobre os seios, a aréola já está escurecendo. Reuni minhas últimas forças e disse, Aborte, aborte, assim ela não escurecerá mais. Ela tinha aberto as cortinas para não deixar escapar nada de suas diversas curvas. Vi a montanha, impassível, cavernosa, secreta, onde da manhã até a noite eu só ouviria o vento, os maçaricos e o tilintar longínquo e argentino dos talhadores de pedra. De dia eu saíria pela charneca quente, pela giesta perfumada e selvagem, e de noite veria as luzes distantes da cidade, se eu quisesse, e as outras luzes, os faróis e os barcos-faróis, cujos nomes meu pai tinha me ensinado quando eu era pequeno e que eu poderia encontrar de novo, na minha memória, se quisesse, eu sabia. A partir daquele dia as coisas foram de mal a pior naquela casa, para mim, cada vez pior, não que ela me negligenciasse, ela nunca poderia me negligenciar o bastante, mas no sentido em que ela vinha o tempo todo me assassinar com *nosso* filho, exibindo a barriga e os seios e dizendo que era para qualquer

momento, já o sentia pular. Se ele pula, eu disse, não é meu. Eu podia ter me dado pior naquela casa, isso é certo, obviamente não era o ideal, mas eu não subestimava suas vantagens. Eu hesitava em partir, as folhas já caíam, tinha medo do inverno. Não se deve ter medo do inverno, também ele tem recompensas, sua neve conserva o calor e abafa o tumulto, e seus dias pálidos terminam rápido. Mas eu ainda não sabia, naquela época, o quanto a terra pode ser gentil para com aqueles que só têm a ela, e quantas sepulturas podemos encontrar nela, para os vivos. O que acabou de vez comigo foi o nascimento. Acordei com ele. O que essa criança deve ter passado! Acho que havia uma mulher com ela, eu tinha a impressão de ouvir passos de vez em quando na cozinha. Dava-me náuseas deixar uma casa sem que me pusessem para fora. Deslizei por cima do encosto do sofá, vesti o paletó, o sobretudo e o chapéu, acho que não esqueci nada, amarrei meus sapatos e abri a porta que dava para o corredor. Um monte de tralhas barrava a passagem, mas passei assim mesmo, escalando, arrombando, com estardalhaço. Falei de casamento, aquilo não deixou de ser uma espécie de união. Não havia o que fazer, os gritos desafiavam qualquer concorrência. Devia ser o primeiro dela. Eles me perseguiram até a rua. Parei na frente da porta da casa e prestei atenção. Eu continuava ouvindo. Se não soubesse que soltavam gritos na casa talvez eu não os tivesse ouvido. Mas, sabendo, ouvia-os bem. Não sabia ao certo onde estava. Procurei, entre as estrelas e as constelações, pelas Ursas, mas não consegui encontrá-las. No entanto deviam estar ali. Foi meu pai o primeiro a mostrá-las para mim. Ele tinha me mostrado outras constelações, mas sozinho e sem ele eu só consegui encontrar as Ursas. Comecei a brincar com os gritos um pouco como eu tinha brincado com a canção, avançando, parando, avançando, parando, se é que isso pode ser chamado de brincar. Quando andava, não os ouvia, graças ao ruído dos meus passos. Mas assim que parava ouvia-os de novo, cada vez mais fracos, certamente, mas que diferença faz que um grito seja fraco ou forte? O que é preciso é que ele pare. Durante anos acreditei que iam parar. Agora não acredito mais. Teriam sido necessários outros amores, talvez. Mas o amor não se encomenda. ■ [1945]

© Cosac Naify.2004
© Les Éditions de Minuit, 1970

Tradução e desenhos: Célia Euvaldo
Preparação: Fábio de Souza Andrade
Revisão: Samuel Titan Jr. e Cecília Ramos
Projeto gráfico: Elaine Ramos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beckett, Samuel [1906-19891]

Primeiro amor
Titulo original: Premier amour
São Paulo: Cosac Naify. 2004 32 pp., 15 ils.

3ª reimpressão, 2008

ISBN 978-85-7503-291-6
1. Romance francês I. Euvaldo. Celia II. Titulo.
04-1346 CDD-843
Índices para catálogo sistemático;
1 Romances Literatura francesa 843

TRADUÇÃO E DESENHOS DE CÉLIA LOVALDO

"Sim, eu o amava, é o nome que eu dava, que ainda
dou, ainda mim, ao que eu fazia, naquela época."



PHILIPPO ARIUD Samuel Bucher

COSACNAIFY